

***DOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS AO MAL-ESTAR MASCULINO******DE LOS MOVIMIENTOS MASCULINISTAS AL MALESTAR  
MASCULINO******FROM MASCULINIST MOVEMENTS TO MASCULINE DISCONTENT***

*João Luís Miola<sup>1</sup>*

*Edgley Duarte de Lima<sup>2</sup>*

**RESUMO**

Este trabalho buscou elucidar, a partir de uma leitura de inspiração psicanalítica, alguns pontos relacionados à produção de masculinidades, seus efeitos subjetivos e sociais no âmbito do que vem sendo denominado de *machosfera* e da problematização de alguns movimentos masculinistas e/ou comunidades de homens na internet. Para isso, nos interrogamos sobre o que levaria um homem a performar e atuar o pior do discurso machista e patriarcal. Desse modo, apesar de reconhecermos o crescente aumento de pesquisas sobre homens e masculinidades nas últimas décadas, materializado a partir de pesquisas realizadas em diversos campos disciplinares, constatamos a existência de uma lacuna importante nesse tema e que ainda carece de maior sistematização. Por fim, esses movimentos indicam que, contrariamente ao reconhecimento da crise que se abre como possibilidade de reinterpretação das masculinidades, há um recrudescimento daquela que se pretende hegemônica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Masculinidades. Machosfera. Psicanálise.

---

<sup>1</sup> Psicanalista e psicólogo (UFRGS). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGPSI/UFRGS). Especialista em Psicanálise e Relações de Gênero pelo Instituto de Pesquisa em Psicanálise e Relações de Gênero (IPPERG). E-mail: [joaomiola@gmail.com](mailto:joaomiola@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8856445710693468>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-1949-5608>.

<sup>2</sup> Psicanalista e psicólogo. Pós-doutorando em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: [edduartelima@hotmail.com](mailto:edduartelima@hotmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3843943381785518>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7186-2973>.

## RESUMEN

Este trabajo buscó dilucidar, a partir de una lectura de inspiración psicoanalítica, algunos puntos relacionados con la producción de masculinidades, sus efectos subjetivos y sociales en el ámbito de lo que se ha denominado 'machosfera' y de la problematización de algunos movimientos masculinistas y/o comunidades de hombres en internet. Para ello, nos interrogamos sobre qué llevaría a un hombre a performar y actuar lo peor del discurso machista y patriarcal. De este modo, a pesar de que reconocemos el creciente aumento de investigaciones sobre hombres y masculinidades en las últimas décadas, materializado a partir de investigaciones realizadas en diversos campos disciplinares, constatamos la existencia de una laguna importante en este tema y que todavía carece de mayor sistematización. Por último, estos movimientos indican que, contrariamente al reconocimiento de la crisis que se abre como posibilidad de reinterpretación de las masculinidades, existe un recrudescimiento de aquella que se pretende hegemónica.

**PALABRAS-CLAVE:** Masculinidades. Machosfera. Psicoanálisis.

## ABSTRACT

This work sought to elucidate, based on a psychoanalytically inspired reading, some points related to the production of masculinities, their subjective and social effects within the scope of what has been called the 'manosphere' and the problematization of some masculinist movements and/or online men's communities. For this purpose, we questioned what would lead a man to perform and enact the worst of sexist and patriarchal discourse. Thus, despite recognizing the growing increase in research on men and masculinities in recent decades, materialized through studies carried out in various disciplinary fields, we noted the existence of a significant gap in this topic that still lacks greater systematization. Finally, these movements indicate that, contrary to the recognition of the crisis that opens up as a possibility for the reinterpretation of masculinities, there is a resurgence of the one that is intended to be hegemonic.

**KEYWORDS:** Masculinities. Manosphere. Psychoanalysis.

\*\*\*

## Introdução

Talvez nunca tenhamos falado tanto em masculinidade quanto nos últimos anos. Em 2018, os significantes “tóxico” e “masculinidade” foram escolhidos, em sequência, as palavras do ano, enquanto nos anos seguintes diversas produções culturais e cinematográficas com esta temática, nacionais e internacionais, geraram grande repercussão – a representação do *boy lixo*<sup>3</sup> no cinema em 2023 e algumas produções que privilegiaram as masculinidades como eixo central de suas narrativas: “Eu não sou um homem fácil” (2018), “Homens?” (2019), “Machos Alfa” (2022), “Barbie” (2023), “Homem com H” (2025), “Adolescência” (2025) etc. Paralelamente, alguns grupos

<sup>3</sup> <https://g1.globo.com/noticia/2023/12/26/por-que-2023-foi-o-ano-do-boy-lixo.ghtml>

sociais como os *Incels*<sup>4</sup> e os *Red Pills*<sup>5</sup> cresceram exponencialmente, alastrando-se em muitos países, inclusive no Brasil (Manoel Ribeiro et al., 2021).

Atentados a escolas, em que alunos ou ex-alunos invadem a instituição armados, violentando, ferindo e matando alunos e professores, têm sido mais frequentes no Brasil (Gracila Vilaça; Carlos D'Andréa, 2021). Historicamente, esta forma de violência era mais comum nos Estados Unidos, mas, nos últimos anos, com destaque para 2023, tivemos um súbito aumento de casos assim no contexto nacional<sup>6</sup>. Vilaça e D'Andréa (2021) revelam que em todos os casos de maior repercussão, os adolescentes autores dos atentados participavam de fóruns e *chans* da machosfera sitiados nos Estados Unidos, demonstrando a relação entre a machosfera brasileira e a realidade estadunidense.

Além disso, ainda colhemos efeitos de movimentos de *hashtag* como a *#MeToo* e a *#MeuAmigoSecreto*, que tiveram enorme popularidade e repercussão (Isabela Arruda; Magno Medeiros; Kátia Kelvis, 2023; Miranda Brookshier, 2019; Lorena De Castro; Danilo Silva; João Nascimento, 2017; Henker, 2017). Dentre eles, destacamos a entrada de uma expressão no vocabulário popular: *masculinidade tóxica* (Brookshier, 2019; João Miola, 2024, 2025b; Samuel Veissière, 2018). Este termo tem sido amplamente utilizado de forma a evidenciar comportamentos indesejados em homens, ainda que, paradoxalmente, também acabe destacando uma *super masculinidade* e não apenas uma problemática. Neste sentido, o que vem a ser definido como *masculinidade saudável* entra em um campo discursivo de indefinição sobre o “homem verdadeiro” e finda por eleger novos imperativos.

Com certa frequência, não tem sido incomum nos depararmos com inúmeras produções caricatas sobre homens, em conformidade com a norma cisheterossexual, capazes de performar a *masculinidade tóxica*. Boa parte destas produções são permeadas pelo esforço cômico em alcançar a masculinidade viril. Como não rir do Ken de Ryan

<sup>4</sup> O termo é um *portmanteau* que conjuga as palavras *celibato* e *involuntário* e refere-se a pessoas que não obtêm sucesso na busca por relações sexuais ou relacionamentos amorosos. Curiosamente, a comunidade tem início com uma estudante *queer* chamada Alana Boltwood, em 1993, que, em seu *blog*, buscava apoio junto à outras pessoas solitárias, virgens ou que estivessem fora de relacionamentos há bastante tempo. Aos poucos, a comunidade e o nome *Incel* foram tomadas por homens e inundadas por ideologias misóginas (Sugiura, 2021).

<sup>5</sup> Referiremo-nos aos *RedPill* como grupo ou comunidade, derivados dos *Pick Up Artists* (PUA), grupo focado em práticas machistas e na transmissão de táticas de conquista e de sedução de mulheres para relacionamentos casuais. Neste sentido, a comunidade teria “início” com a criação de um fórum de discussão na plataforma *Reddit*, em 2012 (Ribeiro et al., 2021). Porém, o termo é amplamente utilizado como uma *filosofia* que “propõe acordar homens para a misandria e lavagem cerebral do feminismo”, sendo um dos conceitos que une todas as demais comunidades da machosfera (Ging, 2019, p. 3).

<sup>6</sup><https://tidesocial.com.br/clipping/2023-e-o-ano-com-mais-ataques-a-escola-na-historia-do-brasil-entenda-o-que-esta-por-tras-desse-cenario/>

Gosling? Ou em Damien se deparando com as violências do machismo quando é transportado para um mundo matriarcal?

A cultura *pop* acaba muitas vezes passando longe da atenção das produções acadêmicas. Porém, Sigmund Freud (1908/2015) já apontava para a capacidade criativa dos escritores em transformar a realidade a partir de desejos futuros, assim como se serviu da literatura para postular o arcabouço conceitual da psicanálise. Para ele, a forma que temos de acessar à realidade ocorre por meio da fantasia, de alguma forma de ficção ou criação (Freud, 1911/2010). A literatura e o cinema oferecem-nos, pois, o acesso à realidades possíveis através de uma fantasia compartilhável (Freud, 1908/2015). Não se trata de ilustrações e representações mágicas, mas de formas de dar contorno, palavra e imagem para algo que já está em curso no dia a dia, ainda que não notemos.

Em outras palavras, Freud subverte o modelo de ciência de sua época e, consequentemente, sua pretensão de verdade absoluta e a sua crença em um saber sem vacilações, ao tomar como objeto de estudo as formações inconscientes (os chistes, os sonhos, o ato falho, o sintoma etc.) como aquilo que indica a ruptura do conhecimento fundado nos desígnios da consciência e na soberania do eu cognoscente (Jacques Lacan, 1964/2021). Nesta mesma direção, Lacan (1956-1957/1995, p. 259) afirma que “a verdade [...] tem uma estrutura de ficção”, ou seja, refere-se a uma construção suportada por um discurso. O cinema e a literatura são ficções que representam algo da realidade atravessada pelo desejo – não importando que desejo é este.

Nesse sentido, pensar o mal-estar relacionado aos processos de subjetivação masculinos tornou-se um esforço de análise ímpar e, principalmente, um campo de estudos em constante consolidação no meio acadêmico. Apesar de reconhecermos o crescente aumento de pesquisas sobre homens e masculinidades nas últimas décadas, materializado a partir de pesquisas realizadas em diversos campos disciplinares (educação, antropologia, sociologia, psicologia, psicanálise etc.), constatamos a existência de uma lacuna importante neste tema e que carece ainda de maior sistematização. Logo, a interlocução entre diferentes saberes – neste caso, psicanálise e educação – revela-se uma importante estratégia para a compreensão da dinâmica complexa existente entre os discursos de gênero e as práticas sociais forjadas a partir da relação intrínseca entre eles, sem perder de vista a dimensão subjetiva e singular implicada na experiência de cada homem no processo de produção de sua masculinidade.

Dito isso, este trabalho buscou elucidar, a partir de uma leitura psicanalítica, alguns pontos relacionados à produção de masculinidades, seus efeitos subjetivos e

sociais, no âmbito do que socialmente convencionou-se denominar de machosfera e da problematização de alguns movimentos masculinistas e/ou comunidades de homens na internet. Para isso, nos interrogamos sobre o que levaria um menino a performar e atuar o pior do discurso machista e patriarcal. Além disso, outras perguntas nos orientam nesta empreitada: de que maneira, uma comunidade de homens obtém sucesso e serve de ideal de masculinidade para aqueles que não se adequam à norma cisheterossexual e, portanto, à masculinidade hegemônica? De que mal-estar e sofrimento padecem estes homens? Quais são as saídas oferecidas por estas comunidades? A nossa hipótese é de que, em parte, o sofrimento dos homens encontra nestas comunidades um ponto de apoio e reconhecimento, ainda que as saídas ofertadas por elas sejam, muitas vezes, marcadas pela exclusão da diferença e pela naturalização da violência. O que parece uma crítica social toma as faces de uma supremacia masculinista, ligada a movimentos masculinistas que demandam a ordem do mundo por não serem os homens que lhes ensinaram e esperavam que fossem.

### **Entre reivindicações e a manutenção da supremacia masculina**

Os *Incels* não são um grupo unívoco e sua localização, tampouco se dá em apenas um site, grupo em rede social ou fórum de discussões. Ainda que existam alguns centros principais de trocas de mensagem, é mais coerente falar em um *discurso Incel* mais do que em um grupo *Incel* que reúna todos em um universal. Uma das possibilidades mais radicais envolve os adeptos à *blackpill* (pílula preta), que representaria uma postura niilista em relação à possibilidade de verdadeiramente produzir mudanças em suas posições sociais, já que “seus problemas são mais estruturais do que individuais” (Sugiura, 2021, p. 18).

A partir do vasto estudo de Lisa Sugiura (2021), temos acesso a um “dicionário *Incel*”, com termos, siglas, expressões e codinomes frequentemente utilizados pelos membros e adeptos a esta comunidade. O mais comum é encontrarmos termos misóginos, racistas, homofóbicos, xenofóbicos e capacitistas, que acabam por objetificar qualquer sujeito que porte alguma diferença. Por outro lado, não podemos ignorar algumas entradas nesse dicionário que apontam para críticas sociais contundentes. Há apontamentos sobre o padrão de beleza esperado dos homens: altos, confiantes, fortes, brancos e endinheirados. Estes homens são chamados de *Chad*. Ainda que sejam considerados a antítese dos *Incels*, são simultaneamente odiados e admirados por serem considerados a parcela de 20% da população de homens que conquistam 80% das mulheres. Os *Incels*,

por sua vez, olham para si mesmos como indesejáveis, feios, baixinhos, não brancos (ainda que a maior parte dos participantes sejam brancos<sup>7</sup>) (Sugiura, 2021, p. 19).

Há, inclusive, uma denúncia da branquitude, que, segundo eles, seria a primeira escolha de mulheres para um parceiro. Além disso, existe outro grupo denominado *Mentalcel*, organizado em torno dos homens que fazem parte do celibato involuntário em decorrência de algum diagnóstico de saúde mental, como, por exemplo, o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Isto é, em poucas palavras e exemplos podemos notar que o sofrimento *Incel* não é absurdo, nem individual, mas aponta para um mal-estar próprio do nosso tempo. Observamos, pois, uma percepção social em relação à exclusão daqueles que, de alguma maneira, vivem à margem de alguns ideais de gênero mesmo podendo estar dentro da hegemonia heterossexual, cisgênera e branca. Definem-se como rejeitados, excluídos e privados de uma realidade de gozo. Muitos, inclusive, adentram um estoicismo para alcançar certa pureza ou até mesmo uma essência *Incel* como forma de identidade e localização no mundo. De certa forma, esta união e ganho de *status* subverte a categoria à margem para, justamente ali, ver-se dotado de algum valor fático. Assim, por vias inesperadas, é a maneira pela qual uma masculinidade hegemônica, que subalterniza outras, pode ser não apenas almejada, mas “alcançada”.

É por isso que as críticas acuradas de *Incel*s não tomam uma direção feminista, mas, ao contrário, reforçam a supremacia masculina. Não à toa, é a comunidade mais popular na machosfera, haja vista que reúnem e amparam, ao menos em parte, algo do desespero destes homens que, por diversas razões, não conseguem responder com sucesso aos imperativos impossíveis da masculinidade dominante. São espaços que ofertam um tipo de acolhimento e, mais do que isso, oferecem um discurso capaz de responder às angústias produzidas por essa não conformação. Para isso, diversas estratégias são mobilizadas, principalmente, aquelas que se valem da opressão do outro inferiorizado.

Estas formas de violência, assim como as físicas e digitais, remontam ao que também tem sido nomeado como *masculinidade tóxica*. Se, costumeiramente, nomeamos de “tóxico” o homem com comportamentos indesejáveis, tal postura pode, concomitantemente, ser entendida como o excesso dos comportamentos masculinos, de forma que o homem tóxico não é necessariamente entendido como um homem hiper dosado, mas um super-homem (Terry Kupers, 2005; Miola, 2025a). Uma amostra disso

<sup>7</sup> Sobre isso, ler a respeito do conceito *branquíssimo* (Lia Schucman, 2012).



está em uma das referências para os *Incels*, Elliot Rodger, conhecido nos fóruns como *Santo Elliot* ou *O Supremo Cavaleiro*. Rodgers foi responsável por um massacre cometido nos Estados Unidos, junto da divulgação de um manifesto famoso entre os *Incels*, em 2014, quando assassinou 6 pessoas e deixou outras 14 feridas (na maioria mulheres), cometendo suicídio logo em seguida. Disso decorre a importância de não somente pensar o impacto dessas comunidades na subjetivação dos meninos, mas de ampliar esse debate para as instituições educacionais como importantes espaços de formação destes sujeitos.

Finalmente, a *machosfera* é o nome dado a um conjunto descentrado e diverso de movimentos e/ou comunidades de homens que compartilham de interesses, rejeições e ódio às mulheres. Este espaço pode ser entendido como um movimento da direita alternativa (*alt-right*) que agrupa diversas comunidades, tais como *RedPill*, *Incels*, *MGTOW*, *PUA* etc. Como movimento, a *machosfera* e suas comunidades estariam em busca dos “direitos dos homens” (Vilaça; D’Andréa, 2021, p. 414). Assim, cada comunidade fundamenta seus ideais, léxicos e propósitos ao redor deste objetivo. Como base, todas as comunidades partilham de valores antifeministas e a crença de que homens sofrem pelo patriarcado e pelo que chamam de *ataques misândricos de feministas* (Lisa Sugiura, 2021). Na sua pré-história, a *machosfera* tem como raiz os *Men’s Movements* e, após período de apoio ao feminismo, movimentos como o *Men’s Rights Movement* (MRM) ganharam força com discursos e manifestações públicas masculinistas, desembocando nos primórdios da *machosfera* após o início da era digital (Miola, 2025b).

Esta concentra desde fóruns como *Reddit*, redes sociais como *Discord*, grupos de *WhatsApp*, até em *chans* da *deepweb*. Uma linguagem comum das comunidades que fazem parte da *machosfera* é o de produzir diferentes formas de *fake News*, disseminações falsas, *fanfics*, difamações, distorções da realidade, memes, piadas, trotes e tantas outras estratégias que envolvem, de alguma maneira, humilhar, *hackear* ou sabotar alguém, especialmente mulheres, LGBTQIAP+ e pessoas negras. Termos como *hater* e *troll* já são conhecidos e, ainda que não sejam exclusivos da *machosfera*, são muito frequentemente vinculados à alguma esfera masculinista.

Quando dizemos não ser uma conjuntura unívoca, é no sentido de haver uma multiplicidade de comunidades menores que vão se multiplicando. Portanto, não há um centro unificador, mas uma certa “filosofia” que os guia. Entre os mais numerosos, temos aqueles que vemos com mais frequência em mídias e redes sociais, como os *Red Pill* e os *Incels*, e aqueles menos populares, mas não menos numerosos, como o *Men Going Their*

*Own Way* (MGTOW). Todos eles detêm uma história e uma linha de pensamento. Os *Red Pill*, por sua vez, surgem dos *Pick Up Artists* (PUA), cujo mote é o de praticar e ensinar técnicas de sedução para que homens conquistem mulheres com facilidade, atividade próxima daquela realizada pelos *coachs* (Max Fisher, 2023). Os MGTOW, por outro lado, são um movimento/comunidade separatista de homens, visando o distanciamento de mulheres, sob o argumento de que elas trariam problemas, os dominariam e roubariam suas testosteronas (Scott Wright; Veriry Trott; Callum Jones, 2020). Esta comunidade chega a ser ridicularizada pelos *Red Pill*, que os chamam de “[...] virgens seguindo seus próprios caminhos” (Nagle, 2017, p. 82). Já os *Incels* são a comunidade mais violenta, com maior número de participantes e com constantes banimentos pela moderação das plataformas em que se comunicam – o que não diminui sua força. É deste último que aprofundaremos mais adiante (Debbie Ging, 2019; Ribeiro et al., 2021; Sugiura, 2021).

Estas comunidades não são refratárias e, com certa frequência, mantêm relação umas com as outras. A narrativa das pílulas também aparece no léxico *Incel*, onde os participantes mais adeptos e radicais se dizem *Black Pills* (pílula preta), ou seja, seus membros não acreditam na mudança estrutural no modo como as relações sociais e amorosas podem se dar com eles. Para os *Incels* o niilismo é uma forte característica, cuja incitação ao ódio culmina em muitos episódios de violência. Para eles, por exemplo, os *Red Pill* são os homens hegemônicos, normativos, que conquistam mulheres, denominados por eles de *Chads* (Sugiura, 2021).

Neste sentido, a ideia da *pílula vermelha* ou da *pílula da verdade*, que promete revelações para quem tomar este caminho, é compartilhada por toda a *machosfera*, mesmo que nem sempre nomeiem este posicionamento assim. Nos interessa atentar sobre as funções sociais, políticas e subjetivas que estes discursos reveladores desempenham quando falamos em versões, narrativas e distorções da realidade que seduzem, convocam e amparam homens, adolescentes e meninos, através da promessa de descoberta de uma suposta verdade sobre o masculino e, mais ainda, da oferta de uma resposta precisa para o que é ser homem. Sabemos que, para Lacan (1969-1970/1992), trata-se de uma verdade mentirosa que está ligada à linguagem e ao fantasma do sujeito. Assim, na qualidade de ficção necessária à própria constituição subjetiva é preciso, *a posteriori*, desfazer-se da crença nesta verdade para que algo do desejo possa emergir. Trata-se de uma tarefa, muitas vezes, obstaculizada na experiência dos homens que acreditam demasiadamente no Falo e no ideal viril (Edgley Lima, 2023).



Lidar com o real do sexo, com a incerteza e a incompletude pode atualizar o sentimento de desemparo. Este pode se intensificar mais ainda quando os ideais encontrados no mundo são, de partida, inalcançáveis até nos sonhos mais criativos. Nessa perspectiva, o sujeito está sempre mais ou menos aquém ou além do ideal almejado e, no caso dos homens, a busca em alcançar o ideal viril pode representar uma fonte de muitos equívocos e a produção de um grande mal-estar, haja vista a busca obstinada em corresponder à masculinidade hegemônica sem nenhum questionamento a respeito daquilo que escapa a esta pretensão (Lima, 2023).

Qual é, então, esta verdade desbloqueada pela pílula vermelha na *machosfera*? Para eles, a de que homens não são os agressores; feministas não são vítimas; homens são injustiçados; o mundo não é misógino, mas sim misândrico. Assim, os homens não seriam tóxicos, mas intoxicados pelo feminismo. Desintoxicar-se, portanto, implicaria em se reconectar com os valores verdadeiramente masculinos. Logo, os homens não seriam mais oprimidos, mas tomariam de volta o seu lugar (Miola, 2024, 2025b).

Quando falamos em homens e masculinidades, significantes que não são unívocos, é preciso situar que não existe “Um” homem, aquele com H maiúsculo ao qual todos os demais se referenciam para se tornarem semelhantes. Esse homem, como nos indica Freud em *Totem e Tabu* (1912-13/2012), só existe de forma mítica: refere-se ao pai da horda que tem acesso ao gozo ilimitado e, que, por isso, desconhece a castração. Assim, a chamada “crise da masculinidade” não diz respeito exclusivamente a homens mais próximos do estereótipo masculino viril: um homem cisgênero, heterossexual, alto, forte, barbudo, com poder econômico, assertivo, confiante, corajoso, entre outras características conhecidas. Por mais que a maioria dos modelos *Red Pill* aproximem-se deste padrão, outras formas de performar a masculinidade também enfrenta esta crise<sup>8</sup>.

Contraditoriamente, a comunidade *Incel*, que vem ganhando cada vez mais popularidade, é caracterizada por homens que estão justamente distanciados do padrão de masculinidade viril (Ribeiro et al., 2021). A injustiça aqui é outra em relação aos *Red Pill*, ainda que seus alvos permaneçam os mesmos. Se os *Red Pill* derivam dos *Pick Up Artists*, famosos por táticas de sedução de mulheres; os Incels adotam posturas mais violentas, como ataques a escolas, tiroteios, massacres, humilhações, ataques cibernéticos etc. São

---

<sup>8</sup> Ademais, é preciso tensionar o que estamos chamando de “crise da masculinidade”, porque diferentemente do que se imagina ela serviu para a manutenção do *status quo* da realidade de poder e dominação dos homens na sociedade ao longo dos séculos (Francis Dupuis-Déri, 2022). De forma mais profícua e politicamente situada, podemos conceber a crise como um momento oportuno de questionamento e, especialmente, de abertura para novas formas de significação e representação das masculinidades.

ataques frequentemente dirigidos a mulheres que alcançam lugares de prestígio ou que rejeitam alguma tentativa de aproximação romântica com estes homens (Mariana Valente, 2023; Vilaça; D'Andréa, 2021). Como já sabemos, quando olhamos para as estratégias de dominação colonial, fascista e nazista, a forma mais eficaz e veloz de reunir pessoas em prol de um objetivo é através da eleição de um inimigo comum (José Damico, 2021; Judith Butler, 2024). Neste caso, um “inimigo” antigo dos homens: as mulheres.

Há uma complexidade aqui que ultrapassa o patriarcado e o machismo. Ao colocar, mais uma vez, as mulheres como as grandes vilãs do fracasso libidinal e social dos homens não normativos, os *Incels* também se aproximam da performance da masculinidade hegemônica. Afinal, homem é aquele que conquista e domina mulheres a qualquer custo, ainda que pela via da violência. É preciso notar que a dominação de mulheres não é o objetivo final: a possibilidade de contar sobre o ocorrido, gabar-se da vingança, a exposição on-line, as felicitações cúmplices dos outros homens e o sentimento de pertencimento ao mundo dos *homens de verdade* é a visada final (Angela Nagle, 2017; Valente, 2023; Vilaça; D'Andréa, 2021). As mulheres, portanto, são apenas o meio para tal<sup>9</sup>.

Essa problemática é abordada pela minissérie “*Adolescência*”, lançada este ano pela Netflix. Um repertório *Incel*, a frustração de um pai tradicional com um filho “molenga” que não performa bem nos esportes e faz com que ele se envergonhe, e a rejeição de uma menina bonita parecem compor o cenário que, por vezes, ilustra as cenas da própria realidade. Ali temos o pior representado. Quando nada dá conta dessa angústia, a passagem ao ato desponta como uma saída para a frustração frente a recusa do outro.

Na minissérie, acompanhamos a história de Jamie Miller, um menino de 13 anos detido pela polícia inglesa por estar sendo acusado de assassinar uma garota da sua escola. Notamos que os episódios buscam mais construir uma ambientação de Jamie do que necessariamente acompanhar o desenvolvimento do personagem. Especialmente, no terceiro episódio, este fala sobre a sua idolatria pelo pai, Eddie, ao mesmo tempo em que confessa não ter o reconhecimento dele por não compartilharem os mesmos interesses esportivos ou propensões físicas. O pai, por sua vez, é um homem mais forte e durão. Além disso, Jamie é chamado de *Incel* por meninas de sua escola, algo que ele nega veementemente. Porém, ao descrever a si mesmo para a psicóloga usa adjetivos comuns

---

<sup>9</sup> Ver o escrito “Between men: English literature and male homosocial desire”, de Eve Sedgwick (2016).

à comunidade da machosfera: feio, marginalizado, excluído, ridicularizado, agredido física e verbalmente.

Para além dos episódios filmados em plano sequência (em um só *take*), algo de seu conteúdo mobilizou o imaginário e o simbólico social. Foram inúmeras reportagens, entrevistas, reflexões e análises sobre os quatro episódios da minissérie. Por mais que estejamos constantemente em meio a um bombardeio de informações, levando em consideração o número expressivo de franquias e de novos títulos a todo o momento nas diversas plataformas de *streaming*, é intrigante que uma minissérie tenha mobilizado tanta repercussão. Ao longo dos quatro episódios, algo se destaca: quem cuida e como cuida dos meninos? Por onde passa a transmissão dos ideais de gênero e das formas de relacionamento com o outro? Ao longo da série, somos expostos a diversas cenas chocantes: a polícia arrastando um menino de 13 anos como se fosse uma fera necessitando de alta contenção; a omissão da escola em relação à agressão entre os próprio alunos e a reprodução de diversas formas de violência; a psicóloga que lança arapucas para coletar uma confissão de Jamie; o questionamento dos pais sobre o que levou Jamie a cometer um crime daquela natureza etc. Há, por um lado, o ímpeto de localizar um culpado para tamanha tragédia, enquanto que, por outro, uma dificuldade em reconhecer e, ao mesmo tempo, questionar os discursos e práticas que produzem um tipo de masculinidade que toma como fundamento a violência.

Afinal, qual é a retórica mobilizada por esses grupos, a exemplo dos *Incel*s? Como um agrupamento de pessoas frequentemente noticiado como algo nefasto amplia cada vez mais a sua popularidade, principalmente, entre homens jovens, adolescentes e meninos? O que estes movimentos denunciam e reivindicam? A história e alguns elementos *Incel* são notáveis quando damos um passo além do rosto perverso que conhecemos (Marie Declercq, 2019). De antemão, é preciso sublinhar que situar o discurso deste agrupamento não significa inocentá-lo da violência produzida, nem justificar as inúmeras consequências que já podemos testemunhar em notícias recorrentes ao redor do mundo. Nosso objetivo é o de complexificar o entendimento sobre estes homens, de forma a não cairmos na tentação de facilmente adotar uma postura derivada do famigerado sintagma de que “todo homem é igual”, a partir de uma leitura universalista e generificada das masculinidades. A seguir, apresentaremos algumas problematizações decorrentes destas questões.

### As comunidades masculinistas e suas reivindicações

Como dito anteriormente, as comunidades masculinistas são marcadas por uma fragmentação das pautas reunidas em torno das diversas reivindicações em torno dos “direitos” dos homens, forjadas sobre a crença de que estes foram perdidos ou estão sob ameaça. Trata-se de uma retórica construída a partir do sentimento de humilhação e da perda de lugares de poder hegemonicamente ocupados pelos homens e, em termos sociopolíticos, construídos sob a égide das práticas de violência e dominação daqueles que são considerados inferiores e/ou abjetos (Lima, 2023, Butler, 2004). Nesse ínterim, há uma tentativa de retorno ao lugar de privilégio supostamente perdido, movimento que mobiliza uma série de saídas desastrosas e firmadas, frequentemente, em pactos sociais excludentes e em práticas de segregação. Em outras palavras, quanto mais o sujeito se distancia da norma hegemônica (cis, hétero e branca), mas longe ele está do reconhecimento social e da legitimidade daqueles que a performam (Butler, 2024).

Como alternativa, Butler (2024) considera o dismantling das normas de gênero uma estratégia fundamental para a construção de uma nova predicação, menos refratária e que reconheça a própria indeterminação que constitui a política de significação dos gêneros. Nessa perspectiva, ao partir da noção de sujeito “falho” ou “mau”, ou seja, daquele que por alguma razão não conseguiu se aproximar das normas hegemônicas e prescritivas, a autora argumenta que é nesse momento que a própria norma pode ser expandida de maneira crítica de modo que novas normas possam criativamente surgir.

Apesar de algumas imprecisões e citações subliminares, a minissérie “*Adolescência*” realça de que forma o sofrimento pode ser pivô para a construção de saídas mortíferas e que desvelam o pior da resposta ao enigma da masculinidade e à sua vacuidade semântica. Na maior parte das vezes, quando as produções cinematográficas colocam a masculinidade hegemônica em questão, observamos a representação de um homem “casca grossa”, que oculta a imagem de um menino frágil e desamparado em seu interior, com um pai severo, imerso numa cultura opressora e conservadora em seu passado.

É evidente que estas produções são importantes na produção de reflexões, embora recorrentemente apelem para a comicidade como um importante convite para o questionamento das certezas e das significações rígidas do masculino. A estratégia do riso, porém, é também um método popular entre os integrantes da *machosfera* com seus memes e ironias que transmitem formas mais ou menos veladas de agressão on-line.

Assim, talvez seja preciso levar ao pé da letra quando Freud (1908/2015) diz que brincar é coisa séria. Uma piadinha, um meme e uma brincadeira podem ser muito sérios não apenas no sentido lúdico, mas da violência, da opressão de gênero e da ridicularização em curso nestas práticas. Como chegamos ao ponto de nos autorizarmos a rir de agressões mascaradas de piadas, humor e liberdade de expressão? O argumento é sempre o de se tratar apenas de uma brincadeira ou uma simples opinião. Para Lacan (1956-1957/1995, p. 301),

O valor do dito espirituoso, e que o distingue do cômico, é a sua possibilidade de jogar com o *non-sens* fundamental de todo uso do sentido. É possível, a todo instante, pôr em causa todo sentido, na medida em que este é fundado num uso do significante. Com efeito, este uso é em si mesmo profundamente paradoxal, com relação a toda significação possível, já que é este mesmo uso que cria aquilo que está destinado a sustentar.

Dito de outra forma, é preciso ir além do valor de “piada inofensiva”. Neste contexto, não falamos apenas da mensagem que se esconde por trás de outra, mas de uma ofensiva bruta disfarçada de uma brincadeirinha que não dará em nada. Na direção oposta, e advertidos do alerta feito por Pedro Paulo de Oliveira (2004) para não vitimizarmos homens que constituem ou desejam constituir relações de hegemonia, é preciso olharmos para que sofrimento é este que parece organizar os homens em grupos que oprimem mulheres. A popularidade, tanto da *machosfera* quanto de grupos reflexivos para homens, assim como a preocupação em relação aos índices alarmantes de feminicídios no Brasil nos convoca a escutar este sofrimento. Por mais que tenhamos ciclos de *crises da masculinidade*, assim como, de tempos em tempos, o surgimento da ideia de um “*novo homem*”, estes discursos precisam ser escutados para além de uma tentativa de retomada dos privilégios ou da imposição de uma identidade através da opressão e dominação.

É preciso ir além da postura desmentida de que é só uma piada e de que o sofrimento, na mesma direção, é uma birra sem fundamento. Desse modo, quando falamos desde a posição da psicanálise, é preciso ir além daquilo que é dito. Como diz Lacan (1964/2021, p. 207), o desejo “está para além ou para alguém” do que se diz. Se pudermos usar de uma licença poética, os discursos demandam algo; para Lacan (1957-1958/1999, p. 394) a demanda “é uma demanda de amor”. Assim,

seja qual for o modo como se formule a demanda, perfila-se isto: que o Outro entra em jogo a partir do momento em que o desejo sexual entra em causa sob a forma de instrumento do desejo. É por essa razão que é

no nível do desejo que se coloca o desejo sexual como sendo pergunta. Como pergunta, ele não pode realmente articular-se.

Quer dizer, não se pode sair de uma posição de desamparo, que demanda por um amor apaziguador e resoluto de todos os males, a não ser pelo confronto com a castração, com a queda da crença da onipotência infantil. Em outras palavras, para entrar no campo do laço social e das relações com o Outro, é preciso renunciar à crença que se pode ter e fazer tudo em nome de uma vontade, condição introduzida desde Freud (1930/2010) com a sua teoria da renúncia pulsional como fundamento da civilização.

A contradição destes grupos reside, sobremaneira, na crítica às estruturas de poder, a partir de uma perspectiva niilista de desesperança e de impotência (como se fossem submetidos a uma castração excedente), mas fazendo deste argumento uma forma de legitimação para se posicionarem “revolucionariamente”. Assim, assumem o lugar de exceção para justificar seus atos reivindicatórios que quebram o pacto social. Nessa perspectiva, Vinícius Lima (2022) argumenta que o lugar de exceção, em termos lógicos, pode ser tanto o da margem (excluído pela lei), quanto o da hegemonia (acima da lei).

Nesse sentido, a série “*Adolescência*” parece inaugurar um campo midiático de atenção diferenciado no tocante à masculinidade que também ultrapassa a generalização comum de que todo homem é um agressor em potencial. Não se trata de descartar esta denúncia feminista, mas de ampliá-la: além da comicidade e da cumplicidade que acompanham as significações mais tradicionais da masculinidade que produzem violência, há um sofrimento que não pode ser escamoteado. Não é qualquer masculinidade, mas aquela à qual muitos significantes buscam representá-la: viril, tradicional, hegemônica, heterocisnormativa, tóxica etc. Disso emergem ao menos duas questões: por que estes homens se reúnem em torno da percepção de se sentirem ameaçados e pela sensação de estarem desorientados? Do que eles se defendem?

Jacques-Allain Miller (2011) diz que a virilidade tem a estrutura da fantasia. Para ele, esta é uma forma de defesa do sujeito para habitar a realidade faltante e, portanto, constitui-se a partir do imaginário que postula uma verdade sobre o sujeito. Há, portanto, um engano, especialmente para os homens que acreditam muito na virilidade e fazem dela um ideal sem vacilações (Lima, 2023). Sendo assim: que tipo de amparo buscam estes homens que se reúnem em grupos? Que respostas estes discursos oferecem a meninos e homens que se consideram tolhidos, castrados e injustiçados? bell hooks (2024, p. 11) nos adianta que: “conhecer os homens apenas no que diz respeito à violência masculina [...] é um conhecimento parcial e inadequado”.



A despeito disso, a leitura lacaniana da sexuação masculina reconhece sempre uma quota de impostura. Em *O Seminário, livro 10: a angústia*, (1962-1963/2005) Lacan elucida que “A angústia do homem se liga à possibilidade do não poder” (p. 209) e, principalmente, que “no reino do homem, há sempre a presença de alguma *impostura* (grifo nosso) [...] No da mulher, se existe algo correspondente a isso, trata-se da farsa” (pp. 210-211). A nosso ver, a escolha pelo significante “impostura” também não é arbitrária, visto que ela indica também aquilo que diz respeito ao engano. Assim, quanto maior a crença no macho, maior pode ser o sofrimento implicado na conformação do sujeito à norma fálica (Lima, 2023). O que parece estar em jogo para os homens é a possibilidade de confrontar-se com a perda e com ela o horizonte da castração que se revela. Talvez, o trabalho seja o de disjuntar a castração como signo da perda e deslocá-la para a falta que introduz algo da dimensão do desejo e permite a construção de novas formas de reconhecimento da experiência destes sujeitos com a própria masculinidade.

### **Contradições, repetições e manutenções**

Visto que esta discussão se passa em território brasileiro, é preciso inserir a intersecção racial. No caso dos homens negros, a questão se complexifica ainda mais. Para Neusa Santos Souza (2021), se o ideal que referencia o sujeito é branco, como poderia o homem negro ter o tempo da ilusão de ter o *falo* se, de partida, ele já é inacessível? Nesta mesma direção, Deivison Faustino Nkosi (2014, p. 78) defende que o homem negro, apesar de ser hipervirilizado e visto como tendo uma “supermasculinidade” (como heranças escravocratas sobre o imaginário de seu corpo), tem “o pênis sem o falo”. Retomando, ainda, a afirmação de Franz Fanon (2008, p. 26) de que “o negro não é um homem”, Faustino (2021, p. 67) questiona:

até que ponto se pode falar em ‘privilégio masculino’ quando descobrimos que os homens negros estão abaixo até mesmo das mulheres negras no quesito mortalidade, encarceramento, violência urbana? Pode um homem negro “ser homem” e ser cobrado como tal em uma sociedade racista?

Enlaçando estes argumentos a outros fatores, Raewyn Connell (2005) complexifica as relações possíveis das masculinidades entre si e com as feminilidades de maneira a pensar que *masculinidades marginalizadas*, como as negras, não estão isentas de fazerem parte de um jogo de relações de hegemonia, subalternização e cumplicidade. Dessa forma, quando Marie Declercq (2019) e Lisa Sugiura (2021) manifestam uma

diversidade não-branca, latina e asiática como populações crescentes nas comunidades *Incel*, as autoras desvelam as diversas tentativas de o sujeito questionar a sua subalternização social através da produção de relações hegemônicas de cunho aparentemente distinto da masculinidade tradicional e normativa, mas que acaba refazendo o mesmo lugar de privilégio para que mais homens possam ocupá-lo ao invés de questioná-lo.

O problema da machosfera, portanto, não é apenas o modo como criticam as relações de gênero, mas a tentativa de imposição de uma nova norma de gênero que os beneficia, ou seja, a criação de um novo universal masculino. Os *Incels*, em seu lugar de exclusão e sofrimento, legitimam-se a ocupar o lugar de hegemonia não necessariamente para interromper este sofrimento que os une, mas para localizarem-se subjetivamente no mundo e na norma sexual. Não estão contra ela, nem querem derrubá-la, precisam dela para poderem fazer parte, mesmo que seja por oposição. Em outras palavras, não se trata para grande parte destes homens do medo de desaparecer, mas de fazer um uso desta ameaça castradora da existência para reafirmar, muitas vezes, o seu lugar de poder e dominação, sem nenhuma interrogação sobre a causa do seu mal-estar e os malefícios do apego rígido à norma fállica. O desafio se situa, portanto, em reconhecer a linha tênue que separa aquilo que, por um lado, é da ordem do sofrimento e que deve ser acolhido e, por outro, as formas atualizadas de perpetuar um modelo de masculinidade dominante e pouco afeito às novas formas de significação do masculino.

Michael Kimmel (2017) se interroga sobre o que irrita tão intempestivamente esses homens brancos raivosos no livro *Angry White Men: American Masculinity at The End of an Era*. Como bel hooks (2024, p. 162), pensamos que: “A raiva muitas vezes esconde a depressão e a tristeza profunda. A depressão muitas vezes mascara a incapacidade de sofrer. Os homens não têm espaço emocional para sofrer”. A autora estadunidense propõe que o que falta aos homens é uma análise crítica que promova o crescimento aliado de um trabalho – individual e coletivo – de acolhimento. Para ela, “quando os homens aprendem a amparar a si mesmos e aos outros, cuidando da alma, eles se encontram no caminho da plenitude” (p. 166). Ainda segundo a autora, o *blues* e a igreja foram espaços importantes para que homens negros pudessem expressar suas emoções e dar lugar para seus sofrimentos individual e coletivamente, no contexto americano.

Estes espaços homossociais, de encontro, acolhimento e cumplicidade entre homens se mostram importantes lugares de circulação de afetos entre homens, onde o

sofrimento pode ser legitimado e não rechaçado (Nils Hammarén; Thomas Johansson, 2014). Podemos notar isso nos grupos reflexivos com homens, nos últimos anos, que têm trazido a possibilidade de confronto e reflexão tanto de ações individuais na história pessoal de cada um deles, quanto do questionamento do patriarcado como produtor de sofrimento causado pelas exigências de performance da masculinidade hegemônica (Adriano Beiras; Alan Bronz, 2016; Benedito Medrado; Marcos Nascimento; Jorge Lyra, 2019; Alberto Silva; Tânia De Almeida, 2024).

Contudo, é preciso olhar criticamente para as diversas reivindicações que giram em torno das masculinidades. Junto com diversas ações, grupos e atividades ofertadas para os homens, em diversos contextos, testemunhamos também um largo crescimento de práticas de aconselhamento para estes sujeitos. Todavia, é preciso questionar se estes movimentos e se estas práticas não acabam por produzir novos imperativos que, contrariamente ao questionamento da significação rígida da masculinidade hegemônica, acabam contribuindo ainda mais para a subalternização de outras masculinidades. Para David Tacey (1997), a reunião de homens também pode abrigar novas cumplicidades com o potencial de favorecer a disseminação da misoginia e da supremacia masculina. Logo, a busca por formas mais saudáveis de relação com o masculino é legítima e necessária, desde que tenhamos o cuidado de não produzir novos pactos de cumplicidade para blindar homens da perda de seus privilégios.

### Considerações Finais

Interrogar o que é *tóxico* e o que é *saudável* nas masculinidades exige o reconhecimento da complexidade e, ao mesmo tempo, da pluralidade semântica que repousa nestas expressões. A sedução de um passo-a-passo, de um curso ou de um retiro para “curar”, “reencontrar” ou “alcançar a plenitude” da masculinidade lesada, tóxica, em crise ou perdida em homens, coloca a *masculinidade saudável* em relação de vizinhança, concomitantemente, com os discursos *RedPill* e *Incel*, com o discurso do *esquerdo-macho* e dos diversos discursos que supostamente buscam questionar a masculinidade hegemônica reafirmando-a. Em outras palavras, o que é saudável para um *RedPill*, para um *Incel* e para um homem que exercita a autocritica tem significações diametralmente distintas (Miola, 2025a). Para alguns, seria o aprendizado de técnicas de sedução e do aumento de seu valor no mercado sexual ou uma forma de mostrar sua força através de ataques cibernéticos ou em escolas. Para outros, um convite a processos reflexivos sobre a relação com a masculinidade e seus efeitos nocivos, por exemplo.

O que parece insistir para muitos homens é a ideia de que estes estão intoxicados por uma circunstância da vida, uma falha, um erro, uma insegurança, uma forma de ter sido criado ou qualquer outra máxima que ateste uma insuficiência em performar uma masculinidade idealizada. São homens que, frequentemente, reúnem-se em torno dos sentimentos de frustração e de desamparo, cujo efeito pode ser visto na reivindicação de retorno à norma cisheterossexual e, supostamente, em crise. Vimos, portanto, que essa visada não é sem consequências do ponto de vista psíquico, considerado o sofrimento implicado em não responder ao ideal almejado, mas, fundamentalmente, político, haja vista a escalada da extrema-direita e dos regimes fascistas na política global que orientam suas políticas a partir do rechaço a qualquer indício de alteridade.

É preciso lembrar que é exatamente a união de homens insatisfeitos com os imperativos de masculinidade que serve como justificativa para a criação de grupos da *alt-right* (direita alternativa) e dos movimentos masculinistas. Como dito anteriormente, os *Incels* têm seu início em um *blog* para compartilhar frustrações e decepções amorosas. Dessa forma, o que fazer com um sofrimento que ganha espaço e visibilidade através da proliferação vertiginosa do discurso de ódio? Como garantir que a palavra e os espaços de fala sejam ofertados para que homens possam elaborar o seu sofrimento sem ratificar os ideais de virilidade que tanto os angustiam?

Buscamos sublinhar ao longo deste trabalho que a voz ecoada nos movimentos que compõem a machosfera – com destaque para os *Incels* – tomam o sofrimento de maneira a escamoteá-lo por vias que pouco contribuem para o efetivo questionamento das normas rígidas de masculinidade. Contrariamente, observamos que estas comunidades apesar de reconhecerem o mal-estar dos homens, acabam contribuindo desastrosamente para a disseminação de estratégias de dominação e de participação dos homens na cúpula do poder no mercado libidinal. Em outras palavras, os “excluídos” reivindicam suas vezes de subalternizar mulheres, como se pleiteassem um direito negado.

A tristeza *Incel*, por exemplo, não visa a sua resolução: ela é justamente o elemento agrupador que legitima ações de ganho de poder, força e hegemonia. Portanto, na machosfera, a ideia de *exclusão* e *inclusão*, assim como a de *tóxico* e *saudável*, ganham significados a partir de retóricas pragmáticas em relação a estes discursos masculinistas e não do feminismo com suas proposições de equidade de gênero. Logo, o apaziguamento do sofrimento masculino passa por significantes que, ao invés de repudiar ao patriarcado, elege as mulheres como as grandes vilãs desta trama.

Trata-se de ir além do mal-entendido que repousa na crença no ideal viril, mantendo uma predicação menos fechada em normas de dominação. Não há, portanto, uma última palavra sobre o que é ser homem. Não há ato ou referência que garantirá uma posição masculina, ainda que, ao longo da história, esse objetivo tenha sido exaustivamente buscado através de diversas práticas e saberes. Assim, esses movimentos indicam que, contrariamente ao reconhecimento da crise que se abre como possibilidade de reinterpretação das masculinidades, há um recrudescimento daquela que se pretende hegemônica.

## Referências

- ANDRADE, Leandro Feitosa. Grupos de homens e homens em grupos: novas dimensões e condições para as masculinidades. *In*: BLAY, Eva Alterman (Ed.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 173–209.
- ARRUDA, Isabela Lefol; MEDEIROS, Magno; KELVIS, Kátia. Feminismo de hashtag: uma análise do ciberativismo de #JustiçaPorMariFerrer. **Em Questão**, v. 29, p. e-125902, 2023.
- BEIRAS, Adriano; BRONZ, Alan. **Metodologias de grupos reflexivos de gênero**. [S.l.]: Instituto Noos, 2016.
- BEIRAS, Adriano; BRONZ, Alan; SCHNEIDER, Pedro De Figueiredo. Grupos reflexivos de gênero para homens no ambiente virtual - primeiras adaptações, desafios metodológicos e potencialidades. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 29, n. 68, p. 61–75, 22 jan. 2021.
- BROOKSHIER, Miranda. Approaching Toxic Masculinity through #MeToo: Representations of Sexual Assault in American History X. **Re:Search - The Undergraduate Journal of Literary Criticism at Illinois**, v. 6, n. 1, p. 25–46, 2019.
- CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2. ed., [Nachdr.] ed. Berkeley: Univ. of California Press, 2005.
- DAMICO, José Geraldo Soares. Gênero e raça: Marcas persistentes de um fazer-saber denegado. *In*: **Relações de gênero e escutas clínicas (vol. 1)**. São Paulo: Editora Devires, 2021. v. 1 p. 93–118.
- DE CASTRO, Lorena Gomes Freitas; SILVA, Danilo da Conceição Pereira; NASCIMENTO, João Paulo Fonseca. ATIVISMO DIGITAL E FEMINISMO NA WEB: O MEME# MEUAMIGOSECRETO. *In*: 10º ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – ENFOPE – E O 11º FÓRUM PERMANENTE DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL – FOPIE. **Anais...** Aracaju: 2017.
- DECLERCQ, Marie. A tristeza infinita dos incels: um retrato da juventude em crise no Brasil. **Revista Vice**, 2019.

DUPUIS-DÉRI, Francis. **A crise da masculinidade: Autópsia de um mito tenaz**. Tradução: Paulo Victor Bezerra. São Paulo, SP: Editora Edgard Blucher, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador, BA: Edufba, 2008.

FAUSTINO, Deivison. O negro, o drama e as tramas da masculinidade no Brasil. In: AMBRA, Pedro (Org.). **Cartografias da Masculinidade**. São Paulo: Editora Bregantini, 2021. p. 61–70.

FISHER, Max. **A máquina do caos: Como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. Tradução: Érico Assis. São Paulo, SP: Todavia Editora, 2023.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 108–121.

FREUD, Sigmund. O escritor e a fantasia (1908). In: **Freud (1906-1909) o delírio e os sonhos na gradiva e outros textos: obras completas volume 8: o delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos**. [S.l.]: Companhia das Letras, 2015. p. 325–338.

GING, Debbie. Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. **Men and Masculinities**, v. 22, n. 4, p. 638–657, out. 2019.

HAMMARÉN, Nils; JOHANSSON, Thomas. Homosociality: In Between Power and Intimacy. **SAGE Open**, v. 4, n. 1, p. 215824401351805, 1 jan. 2014.

HENKER, Eduarda Rodrigues. **Ciberativismo e feminismo: uma análise das postagens do movimento #meuamigosecreto**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação—Santa Maria - RS: Centro Universitário Franciscano, 2017.

HOOKS, bell. **A vontade de mudar: homens, masculinidade e amor**. Tradução: Manu Quadros; Tradução: Lubi Prates. São Paulo, SP: Editora Elefante, 2024.

KIMMEL, Michael S. **Angry white men: American masculinity at the end of an era**. New York: Nation Books, 2017.

KUPERS, Terry A. Toxic masculinity as a barrier to mental health treatment in prison. **Journal of Clinical Psychology**, v. 61, n. 6, p. 713–724, jun. 2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 4: A Relação De Objeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. **O Seminário Livro 5: As Formações Do Inconsciente**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. **O Seminário: Livro 11 Os Quatros Conceitos Fundamentais Da Psicanálise**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2021.

LIMA, Edgley Duarte de. **Homens, masculinidades e psicanálise: Desver o masculino**. São Paulo, SP: Editora Edgard Blucher, 2023.



- LIMA, Vinícius Moreira. *Psicanálise e masculinidades*. In: **Entre (uns) nós: masculinidades e psicanálise**. [S.l.]: Edição do autor, 2022.
- MEDRADO, Benedito; NASCIMENTO, Marcos; LYRA, Jorge. Os feminismos e os homens no contexto brasileiro: provocações a partir do encontro 13º Fórum Internacional AWID. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 603–608, fev. 2019.
- MILLER, Jacques-Allain. Progressos em psicanálise bastante lentos. **Opção Lacaniana**, v. 64, p. 9–67, 2011.
- MIOLA, João Luís. *Psicanálise e masculinidades: além do tóxico e do saudável*. In: STONA, José (Org.). **Isso não é psicanálise?: tensionamentos em psicanálise e relações de gênero**. Canoas, RS: Instituto de Pesquisa em Psicanálise e Relações de Gênero, 2024. p. 389–412.
- MIOLA, João Luís. **Masculinidades em rede: enredos entre o tóxico e o saudável**. Dissertação de Mestrado—Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2025a.
- MIOLA, João Luís. Imperativos da masculinidade: uma escuta da psicanálise clássica aos tempos digitais. **Revista Periódicus**, v. 3, n. 21, p. 38–64, 20 jun. 2025b.
- NAGLE, Angela. **Kill all normies: the online culture wars from Tumblr and 4chan to the alt-right and Trump**. Winchester, UK ; Washington, USA: Zero Books, 2017.
- NKOSI, Deivison Faustino. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman (Ed.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 75–104.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo De. **A Construção Social Da Masculinidade**. [S.l.]: Editora UFMG, 2004.
- RIBEIRO, Manoel Horta *et al.* The Evolution of the Manosphere across the Web. **Proceedings of the International AAAI Conference on Web and Social Media**, v. 15, p. 196–207, 22 maio 2021.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana (Versão corrigida)**. Tese de doutorado—[S.l.]: Universidade de São Paulo, 2012.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Between men: English literature and male homosocial desire**. Thirtieth anniversary edition ed. New York: Columbia University Press, 2016.
- SILVA, Alberto Luís; DE ALMEIDA, Tânia Mara Campos. A paternidade no centro pela busca de outras masculinidades entre grupos de homens. **Campos - Revista de Antropologia**, v. 25, n. 1, 3 out. 2024.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2021.

SUGIURA, Lisa. The Emergence and Development of the Manosphere. *In*: SUGIURA, Lisa (Ed.). **The Incel Rebellion: The Rise of the Manosphere and the Virtual War Against Women**. [S.l.]: Emerald Publishing Limited, 2021. p. 15–36.

TACEY, David J. **Remaking men: Jung, spirituality and social change**. London ; New York: Routledge, 1997.

VALENTE, Mariana Giorgetti. **Misoginia na internet: uma década de disputas por direitos**. São Paulo, SP, Brasil: Fósforo, 2023.

VEISSIÈRE, Samuel Paul Louis. “Toxic Masculinity” in the age of #MeToo: ritual, morality and gender archetypes across cultures. **Society and Business Review**, v. 13, n. 3, p. 274–286, 8 out. 2018.

VILAÇA, Gracila; D’ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista ECO-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410–440, 30 nov. 2021.

WRIGHT, Scott; TROTT, Verity; JONES, Callum. ‘The pussy ain’t worth it, bro’: assessing the discourse and structure of MGTOW. **Information, Communication & Society**, v. 23, n. 6, p. 908–925, 11 maio 2020.

Recebido em agosto de 2025.

Aprovado em setembro de 2025.

Revista  
**Diversidade**  
e Educação